



O Papel do Enfermeiro na Prevenção e Enfrentamento da Violência Obstétrica: Práticas, Desafios e Estratégias de Cuidado Humanizado

The Role of Nurses in the Prevention and Management of Obstetric Violence: Practices, Challenges, and Strategies for Humanized Care

Anny Caroline Costa da Silva

Graduanda em Enfermagem pela Faculdade EDUFOR – São Luís – MA

Antônia Lúcia Amorim da Silva

Graduanda em Enfermagem pela Faculdade EDUFOR – São Luís – MA

Fransuilma da Conceição Silva Falcão

Graduanda em Enfermagem pela Faculdade EDUFOR – São Luís – MA

Laudeci Silva Martins dos Santos

Graduanda em Enfermagem pela Faculdade EDUFOR – São Luís – MA

Maria Deuzamar de Sousa Oliveira Pereira

Graduanda em Enfermagem pela Faculdade EDUFOR – São Luís – MA

Rosangela da Silva Cardoso

Graduanda em Enfermagem pela Faculdade EDUFOR – São Luís – MA

Suziane Pereira dos Santos

Graduanda em Enfermagem pela Faculdade EDUFOR – São Luís – MA

Lívia Alessandra Gomes Aroucha

Graduanda em Enfermagem pela Faculdade EDUFOR – São Luís – MA

Resumo: O presente estudo objetivou buscar na literatura a assistência de enfermagem na prevenção da violência obstétrica. A metodologia utilizada trata-se de uma revisão de literatura narrativa, pautada em estudos sobre a violência obstétrica, o papel do enfermeiro na prevenção e enfrentamento da violência obstétrica, os principais desafios encontrados e as estratégias do cuidado humanizado, com abordagem qualitativa utilizando como mecanismo para coleta de dados um levantamento bibliográfico, com leitura analítica e fichamentos. A estratégia utilizada na análise de dados foi análise de conteúdo. Os resultados obtidos revelam os principais problemas enfrentados pelas mulheres nas maternidades onde muitas sofrem violência obstétrica, o estudo também revela os meios que possibilitam a prevenção e o enfrentamento da violência obstétrica. Portanto, o presente estudo demonstra que o enfermeiro deve repensar suas práticas trabalhando de modo que sua assistência preste um papel de qualidade na qual seja humanizado, pautado na ética, utilizando técnicas que amenizem a dor e o sofrimento das gestantes.

Palavras-chave: violência obstétrica; gestantes; parto humanizado.

Abstract: This study aimed to search the literature on nursing care in the prevention of obstetric violence. The methodology used consisted of a qualitative bibliographical research, based on studies on obstetric violence, the role of nurses in the prevention and confrontation of obstetric violence, the main challenges encountered and the strategies for humanized care,

with a qualitative approach using a bibliographic survey as a data collection mechanism, with analytical reading and indexing. The strategy used in the data analysis was content analysis. The results obtained reveal the main problems faced by women in maternity hospitals where many suffer obstetric violence. The study also reveals the means that enable the prevention and confrontation of obstetric violence. Therefore, this study demonstrates that nurses must rethink their practices, working so that their care provides a quality role in which it is humanized, based on ethics, and uses techniques that alleviate the pain and suffering of pregnant women.

Keywords: obstetric violence; pregnant women; humanized childbirth.

INTRODUÇÃO

A gestação é um período de grandes transformações tanto físicas quanto psicológicas nas mulheres, dentre as quais podemos citar a preocupação de como será o parto. Antigamente, o parto era realizado em casa, obedecendo seu curso natural sem a utilização de métodos que acelerassem esse processo. Além disso, as parteiras tinham um papel ativo na assistência às gestantes (Moura *et al.*, 2018).

Entretanto, o parto é considerado uma evolução histórica na vida das mulheres, que passou por significativas mudanças na sua realização. Com o passar do tempo essas mudanças ocorreram com a substituição das parteiras por médicos e enfermeiros, trazendo redução nos índices de mortalidade materno- fetal, mas em relação ao parto essas mudanças foram em alguns pontos negativas relacionadas a intervenções desnecessárias, a mulher perdeu seu papel principal dando lugar as decisões dos profissionais (Perez *et al.*, 2015; Mott, 2022).

A falta de empatia e o despreparo com as gestantes na assistência ao parto, tanto na saúde pública quanto na rede privada de saúde, têm sido cada vez mais noticiados pela mídia por meio de depoimentos de mulheres que sofreram algum tipo de violência obstétrica. Assim, o Ministério da Saúde (2012) tem analisado os dados através da ouvidoria que notificou que 12,7% das denúncias das gestantes tratavam-se sobre o desrespeito, e terem sofrido ofensas verbais e maus tratos físicos (Zanardo *et al.*, 2017).

Estudos revelam que um quarto das brasileiras que passaram por partos normais relatam ter sido vítimas de violência e/ou maus-tratos nas maternidades. Ao analisar a conjuntura de violência obstétrica, percebe-se uma necessidade de mudar essa realidade, humanizando a assistência à gestante, incluindo mudanças ao tratamento e assistência ao parto e também revisando o papel do enfermeiro (Moura *et al.*, 2018).

A violência obstétrica ocorre por meio de práticas que violam os direitos das mulheres durante o parto. Tais práticas são cometidas por profissionais da área da saúde que tratam a mulher com descaso, negligência e que praticam métodos farmacológicos e intervenções desnecessárias (Andrade; Silva, 2016, Diniz *et al.*, 2015).

Contudo, é de suma importância que ocorram mudanças na preparação dos profissionais da saúde, como também socialmente, desimpregnando a submissão

da mulher ao cumprimento das ações e intervenções desnecessárias, ao conhecimento dos médicos e enfermeiros. Para que haja essa mudança a mulher precisará conhecer os seus direitos e o valor do seu papel (Pérez; Oliveira; Lago, 2015).

Desse modo, o principal interesse pelo tema partiu da intenção de apresentar que as gestantes podem ser acolhidas de forma humanizada, evitando ao máximo técnicas que possam causar algum dano físico ou psicológico.

A presente pesquisa pode contribuir de maneira significativa que tais práticas de enfermagem assumam o papel de protagonismo no intuito de atender as principais necessidades da gestante de forma ética e eficaz, prevenindo qualquer tipo de desrespeito e meios invasivos que prejudiquem sua integridade física e psicológica. Dentro dessa perspectiva o estudo visa destacar o papel da enfermagem na capacitação dos enfermeiros para lidar com a prevenção da violência obstétrica dentro do ambiente hospitalar.

Sendo assim, o presente estudo objetivou buscar na literatura a assistência de enfermagem na prevenção da violência obstétrica.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão de literatura narrativa, “O propósito geral de uma revisão de literatura de pesquisa é reunir conhecimentos sobre um tópico, ajudando nas fundações de um estudo significativo (...) esta tarefa é crucial para os pesquisadores” (Souza; Silva; Carvalho, 2010, p.103).

Nesse contexto o presente estudo tem como questão de pesquisa: qual o papel do enfermeiro na prevenção da violência obstétrica dentro do ambiente hospitalar?

As buscas ocorreram nos meses de março a maio de 2025. Foram utilizadas as seguintes bases de dados como o Scientific Eletronic Library Online (SciELO) e periódicos CAPES.

Para o levantamento de dados da pesquisa foram considerados artigos científicos que tratam do tema, sendo considerados os artigos publicados entre 2017 e 2023, escritos em língua portuguesa. Foram excluídos os artigos que não tratavam sobre o tema, trabalhos de conclusão de curso, dissertação e tese.

Após as pesquisas nas bases de dados, foram encontrados 200 artigos com temas relevantes. Destes, 52 artigos foram utilizados para análise. Após avaliação, 42 artigos foram excluídos por não corresponderem aos critérios de inclusão e 10 artigos foram escolhidos.

A análise dos artigos referentes ao objeto de estudo foi através de leitura analítica e fichamentos. Contudo, essa metodologia colaborou de maneira significativa para o estudo em pauta, utilizando dados científicos norteadores para a construção do estudo.

RESULTADOS

Após a leitura na íntegra dos artigos foi elaborado o quadro abaixo, com os dados referentes quanto a autor do estudo, ano de publicação, título, objetivo, impactos para enfermagem e conclusão.

Autor/ Ano	Título	Objetivo	Impactos para a Enfermagem	Conclusão
Cordeiro <i>et al.</i> 2018	A humanização na assistência ao parto e ao nascimento	Analisar as ações de humanização realizadas pelos enfermeiros na assistência ao parto e ao nascimento.	Lei n.º 11.108, de 07 de abril de 2005, que garante para a parturiente a presença do acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato.	A enfermagem é responsável pelo atendimento humanizado. Encontra-se algumas dificuldades como o despreparo, falta de interesse das instituições, a acomodação e espaço físico e insuficiência de enfermeiros.
Lansky <i>et al.</i> 2019	Violência obstétrica: influência da exposição dos sentidos do nascer na vivência das gestantes	Analisar o perfil das gestantes que visitaram o Sentidos do Nascer, a sua percepção sobre violência no parto e nascimento e os fatores socioeconômicos-demográficos.	Criada em 2015 a Sentidos do Nascer, através de instalações que divulgam usando (arte-digital com técnicas teatrais) e suporte (vídeos e fotografias, cenários e painéis), práticas na atenção ao parto e nascimento.	O relato de Violência obstétrica está associado a práticas assistenciais na população de menor renda. O que pode refletir iniquidades na assistência ao parto e nascimento.
Melo <i>et al.</i> 2022	Violência obstétrica à luz da Teoria da diversidade e universalidade do cuidado cultural	Analisar os relatos de puérperas sobre violência obstétrica através da Teoria da diversidade e universalidade do cuidado cultural.	A teoria da diversidade e universalidade do cuidado cultural demonstra indicações para que os profissionais estejam preparados a assistir, apoiar e facilitar o cuidado.	A partir dos dados o estudo convida o profissional de saúde a refletir sobre suas práticas de cuidado, considerando o contexto, os seus valores culturais e suas crenças.

Autor/ Ano	Título	Objetivo	Impactos para a Enfermagem	Conclusão
Nunes <i>et al.</i> 2020	Violência obstétrica na visão de mulheres no parto e puerpério	Identificar situações de violência obstétrica através dos relatos de mulheres em trabalho de parto, parto e puerpério, nas maternidades do Vale do São Francisco, em Petrolina, Pernambuco e Juazeiro, Bahia.	É necessário dar voz aos profissionais, gestores e principalmente às gestantes, possibilitando denunciar situações de violência obstétrica.	É necessária a utilização de novas práticas nas instituições com estratégias de humanização do atendimento.
Palma; Donelli, 2017	Violência obstétrica em mulheres brasileiras	Verificar a ocorrência de violência obstétrica em mulheres brasileiras.	Repensar sobre práticas em saúde e a maneira como os profissionais vêm desempenhando suas atividades.	A realização do estudo proporcionou uma ampla visualização dos múltiplos aspectos envolvidos na ocorrência de violência obstétrica.
Rocha, Grisi, 2017	Violência obstétrica e suas influências na vida de mulheres que vivenciaram essa realidade	Analisar as consequências da violência obstétrica na vida de mulheres que vivenciaram essa experiência.	A mulher conhecer os seus direitos, estando ciente das suas necessidades.	Nos relatos das participantes do estudo foram encontrados sentimentos de tristeza, angústia, frustração e impotência. Sendo submetidas a procedimentos desnecessários sem a explicação prévia por parte dos profissionais.
Silva, Aguiar, 2022	Violência obstétrica na perspectiva das mulheres: significados e impactos à saúde	Analisar os impactos da violência obstétrica sobre a saúde física e emocional das mulheres.	Elaboração do plano de parto, por exemplo, é uma ferramenta de apoio às boas práticas.	Verificou-se que abuso físico, verbal e uso de intervenções excessivas estão presentes na assistência recebida.

Autor/ Ano	Título	Objetivo	Impactos para a Enfermagem	Conclusão
Silva <i>et al.</i> 2020	Violência obstétrica: a abordagem na temática na formação de enfermeiros obstétricos	Construir o discurso do sujeito coletivo de enfermeiros pós-graduandos em enfermagem obstétrica sobre a violência obstétrica.	Foi possível evidenciar a importância de haver a reestruturação da assistência ao parto em face à formação acadêmica,	Por meio do Discurso do Sujeito Coletivo, foi possível observar, parcialmente, a importância da formação dos Enfermeiros, visto que possibilitam a contribuição de cuidado integral, corroborando para um processo fisiológico, que pode reduzir a violência obstétrica.
SANTANA <i>et al.</i> 2023	O papel do enfermeiro no parto humanizado: a visão das parturientes	Identificar e conhecer a visão das parturientes em relação ao papel do enfermeiro no parto humanizado.	O programa de humanização do pré-natal e nascimento (PHPN) foram desenvolvidos pelo ministério da saúde sob orientações e atendimentos terapêuticos visando a diminuição da morbimortalidade materna e neonatal.	O papel do enfermeiro é de grande importância para preparar a mulher antes, durante e após o parto com orientações sobre seus direitos, o enfermeiro deve estar preparado para atender a sua comunidade.
VARGENS <i>et al.</i> 2017	Contribuição de enfermeiras obstétricas para consolidação do parto humanizado em maternidades no Rio de Janeiro-Brasil	Identificar as práticas empregadas por enfermeiras obstétricas na assistência ao parto em maternidades públicas e sua contribuição na consolidação da humanização do parto e nascimento.	Tecnologias não invasivas de cuidado de enfermagem obstétrica (TNICE).	As enfermeiras obstétricas estão em um processo de transformação de sua prática em direção ao rompimento com o modelo medicalizado e uma atuação menos intervencionista.

Fonte: elaborada pelas pesquisadoras, 2025.

DISCUSSÃO

Ao fazer a análise dos artigos surgiram as seguintes temáticas para a discussão: violência obstétrica no ambiente hospitalar, principais consequências da violência obstétrica na vida da mulher, o papel do enfermeiro na prevenção da violência obstétrica, principais estratégias do cuidado humanizado com a gestante.

A violência Obstétrica no Ambiente Hospitalar

A violência obstétrica infringe aos direitos reprodutivos da mulher, causando sérios danos. Ele pode acontecer não só durante o parto, mas em todos os estágios que essa gestante possa passar, caracterizando-se como agressão física, maus tratos verbais, situações constrangedoras, negligência e negar ao direito de um acompanhante (OMS, 2014).

A violência obstétrica no ambiente hospitalar pode ocorrer de diversas maneiras, que se caracterizam por meios considerados invasivos à gestante, fazer uso de medicação que antecipe o parto, falta de empatia, tratamento desrespeitoso e rispidez quando a mulher demonstra qualquer tipo de reação no período de trabalho de parto (Souza; Valente, 2016).

Podemos destacar, que a utilização de processos invasivos como a manobra de Kristeller, a episiotomia, uso de ocitocina, restringir a gestante de utilizar certas posições, e o excesso de exames de toques, e outros procedimentos sem o consentimento da gestante caracteriza-se como violência obstétrica (Rede parto do princípio, 2012).

Para a maioria das mulheres a violência obstétrica é pouco compreendida caracterizando-se com procedimentos e atitudes de violência, a mulher observa como algo que faz parte da rotina hospitalar, pois elas se encontram em momento delicado de maior vulnerabilidade e ficam apáticas a diversas situações sendo submetidas aos critérios dos profissionais (Estumano *et al.*, 2017).

O tratamento abusivo durante o trabalho de parto e o parto viola os direitos humanos, sendo capaz de influenciar negativamente os desfechos desses processos e desencorajar as mulheres na procura por cuidados futuros. Além disso, é visto como uma violência estrutural que as torna vulneráveis ao sofrimento e à morte (Silva *et al.*, 2020,p.2).

Podemos citar ainda que ela pode ocorrer em face de comentários ofensivos que trazem constrangimento, declarações humilhantes e xingamentos. A negligência ao atendimento e agendamento de cesárea em benefício médico se enquadra como uma prática de violência a gestante (Dpesp, 2013).

Toques vaginais excessivos praticados por diversos profissionais são mecanismos de violência obstétrica. Esse procedimento desencadeia sensação de dor e fraqueza, que muitas vezes acontece sem seu consentimento, essas intervenções algumas vezes deixam a mulher exposta à vista de outros profissionais ou familiares que estão inseridos no mesmo ambiente (Palma; Donelli, 2017).

É imprescindível cuidar da gestante de maneira respeitosa, avaliando suas necessidades e dispondo de recursos que garantam sua autonomia, mediante o parto normal e cesária, sugere que o profissional de saúde exerça seu papel de assistência de maneira eficiente, valorizando os preceitos éticos, amparando a mulher de maneira que ela se sinta segura, otimizando os recursos existentes na maternidade, estabelecendo alternativas de analgesia a dor como por exemplo, massagens, banho quente, técnicas de agachamento (Possati, 2017; Baldisserotto, 2016).

Portanto, é necessário que no âmbito hospitalar a equipe de obstetrícia deve estar preparada através de capacitação e treinamento, permitindo um tratamento mais humanizado e garantindo o atendimento integral dos direitos da gestante seguindo aos princípios do SUS (Possati, 2017).

Principais Consequências da Violência Obstétrica na Vida da Mulher

Muitas mulheres passam por experiências ruins dentro do âmbito hospitalar no momento de dar à luz a um filho, desencadeando muitos traumas tanto físicos quanto psicológicos (Rocha; Grisi, 2017).

A gravidez o parto e o nascimento elencam experiências importantes na vida das mulheres e em todo o seu meio familiar. Porém essas experiências algumas vezes são negativas, ocorrendo à violação de seus direitos sexuais e reprodutivos, que acontecem dentro do ambiente hospitalar, onde deveriam atendê-las de forma que garantisse seu bem estar no momento do trabalho de parto, parto e puerpério (Souza, 2019; Oliveira, Noélia, 2015).

A violência, uma vez consentida, pode trazer danos às mulheres por torná-las cada vez mais vulneráveis a novas violações de seus direitos. Além disso, por fragilizar a relação entre paciente e profissional induz a uma assistência ineficaz. Como consequência, essas mulheres tendem a uma maior suscetibilidade de sofrimento psicoemocional caracterizado por sentimentos negativos como sensação de exclusão e baixa autoestima (Nunes *et al.*, 2020, p.22).

A falta de empatia e o descaso no tratamento assistencial as gestantes são vistos muitas vezes como algo comum por muitas pacientes, que acabam aceitando o péssimo atendimento e a falta de humanização por parte dos profissionais de saúde que desmerecem o momento de dor e sofrimento encarado pelas mulheres que passam pelo trabalho de parto, onde seus direitos não são garantidos (Estumano *et al.*, 2017).

O uso excessivo de ações medicamentosas desnecessárias durante o parto, como também xingamentos, ocasionam muitos prejuízos psicoemocionais às mulheres que podem desencadear vários traumas e até doenças psicológicas como, por exemplo, a depressão pós-parto, o bloqueio psicológico de querer conceber outro filho e problemas sexuais (Soares *et al.*, 2015).

Quanto à desumanização, ela se desenvolve através de algumas nuances, podendo-se destacar os relatos que afirmam distanciamento entre a equipe e a mulher, sendo os profissionais desatenciosos, sem diálogo e com omissão de informações (Melo *et al.*, 2022, p.10).

A mulher sozinha sem acompanhante no parto, as intervenções nos processos fisiológicos do trabalho de parto que colaboram para o aumento do desconforto, a ausência de privacidade e o total controle sobre o processo do parto pelos envolvidos no âmbito hospitalar desencadeiam fatores para que a mulher escolha a cesariana como uma alternativa de se libertar da violência e dos maus tratos (Diniz *et al.*, 2015; Venturi, Godinho, 2013).

É necessário orientar a gestante durante o pré-natal sobre os diversos procedimentos que podem ser utilizados nela quanto no bebê. A enfermagem deve trabalhar o psicológico dessa mãe para que ela esteja pronta para enfrentar qualquer situação (Silva *et al.*, 2021).

O enfermeiro deve utilizar um excelente atendimento mais humanizado, ouvindo a paciente e esclarecendo dúvidas, explicando os métodos e os procedimentos utilizados. É válido que a paciente tenha um atendimento digno e que o sistema de enfermagem faça valer um serviço de qualidade, que tenha embasamento teórico/ científico (Santana *et al.*, 2023).

O Papel do Enfermeiro na Prevenção da Violência Obstétrica

Na formação do enfermeiro é importante discutir o tema sobre violência obstétrica, que demanda empenho através de estratégias relacionadas ao bom atendimento junto à paciente. Para os graduandos o âmbito hospitalar traz reflexões e dispõem muitas vezes de sistemas desnecessários (Sousa, 2016).

A construção de profissionais enfermeiros compreendidos na temática da violência obstétrica deve ser ampliada, pois eles são participantes dessas experiências, onde permitem o papel importante em ofertar a qualidade de atender as necessidades das mulheres, isso impacta em menores chances de sofrerem violência obstétrica. Desse modo, o papel do profissional de enfermagem, é primordial no que se trata de violência obstétrica, onde esse profissional tem a função de diminuir os indicadores desse problema e modificar a realidade social (Silva *et al.*, 2020).

Sendo assim, a colaboração da enfermagem no campo obstétrico é de suma importância, na atenção ao parto humanizado, porque adota um acompanhamento que prioriza a empatia e a equidade de forma integral e individual para a grávida sem julgá-la, sem prejuízos e sem intervenções desnecessárias, reduzindo as preocupações da paciente no trabalho de parto (Moura *et al.*, 2020).

Contudo, o enfermeiro obstetra tem o papel de exercer um tratamento mais amplo como, por exemplo, escutar, orientar, trazer alívio para a dor da gestante por meios de recursos não farmacológicos, incentivar a amamentação materna, orientando a posição de pega correta ao bebê, através da sua formação e do

seu psicológico, com a ação de promover um atendimento mais humano para a parturiente (Santos, 2022).

A obstetrícia é a área que deve fornecer as melhores condições para a gravidez, o parto, e pós-parto. Beneficiando a gestante ao bebê e a família, porque todo o acompanhamento deverá ser feito de boas atitudes assistenciais, abolindo todo o risco de violência obstétrica (Corvello *et al.*, 2022).

A necessidade de refletir sobre a importância do combate à violência obstétrica na formação do enfermeiro obstétrico, enfatizando-a, com o objetivo de promover condutas que visam à redução de elevados índices de mortalidade. Dessa forma, acompanhar o trabalho de parto e parto com eficácia e humanização e propagar o acolhimento (Silva *et al.*, 2020, p.7).

Para a mudança e a melhoria da obstetrícia é preciso buscar por atitudes que busquem uma assistência mais humanizada da enfermagem com o intuito de prevenir a violência obstétrica. O enfermeiro deve desempenhar através de seu conhecimento acadêmico, visando durante o parto atender a mulher de maneira que garanta o bem-estar materno e neonatal. O que contribui para a redução da mortalidade da mãe e do bebê. Colaborando também em amenizar a ansiedade, a dor, o sofrimento, dando orientações, dando suporte ao parto e ao nascimento (Nascimento *et al.*, 2017; Quadros *et al.*, 2016).

Assim, a discussão dessa temática na formação acadêmica dos profissionais da enfermagem se torna relevante e evidente no Brasil, por que ressalta a precisão da abordagem da violência contra a mulher como disciplina na formação dos enfermeiros, seja no curso superior ou na pós-graduação (Silva *et al.*, 2020).

Principais Estratégias do Cuidado Humanizado com a Gestante

Humanizar o parto é considerar uma amplitude de meios e procedimentos que viabilizam o parto e o nascimento digno e sadio. Respeitando o curso natural, evitando procedimentos desnecessários que causam perigo para a gestante e o bebê (Santos, 2012).

Considerando a necessidade de garantir atendimento qualificado e humanizado às mulheres que buscam assistência obstétrica durante o trabalho de parto, parto e puerpério, é imprescindível desvelar as nuances dessa problemática nas maternidades. Para tanto, é necessário dar voz aos profissionais, gestores e, sobretudo às pacientes. A opinião de mulheres que buscam a serviços especializados em ginecologia e obstetrícia tende a ser pertinente devido à possibilidade de denunciar situações que, por vezes, são veladas ou desconhecidas pela sociedade civil e acadêmica (Nunes *et al.*, 2020, p.15).

Entretanto, o parto humanizando promove o respeito à autonomia da mulher em relação ao trabalho de parto, onde permite a parturiente de exercer seu papel de protagonismo frente à fisiologia do parto, visando o bem estar físico e emocional,

através de uma assistência humanizada, contando com o apoio familiar, reduzindo complicações e visando o bem estar materno e infantil (Matei, 2013).

A conjuntura do parto humanizado se realiza por meio do exercício, atitudes e práticas que devem ser dialogadas com a gestante, tendo a intenção de melhorar a viabilidade do parto e obter nascimentos sem comorbidades no intuito de promover a prevenção da mortalidade da mãe e do bebê (Possati *et al.*, 2017).

Proporcionar liberdade para que a parturiente escolha a melhor posição para parir, a deambulação, e permitir que ela tome líquidos e se alimente, é um tratamento que pode influenciar de maneira positiva na assistência a mãe e ao bebê (Cordeiro *et al.*, 2018).

Pode-se ressaltar que muitas das ações destacadas apresentam muitos benefícios para a mãe, o recém-nascido e a família. Ações essas que trazem segurança e calma durante o parto, podendo haver uma diminuição da dor e do sofrimento, prevalecendo o respeito ao tempo de nascimento ocasionado a diminuição de problemas no pós-parto e prevenindo a mortalidade materno-infantil (Cordeiro *et al.*, 2018).

Contudo, sugere-se o estabelecimento/estruturação de novas práticas nessas instituições, com estratégias para melhoria nos fatores organizacionais determinantes à prestação de assistência à saúde qualificada, como infraestrutura e distribuição de recursos humanos, de modo a otimizar o serviço e a assistência ofertada à paciente, promovendo a sensibilização dos profissionais para um atendimento mais humanizado, com foco na melhoria da qualidade do cuidado prestado, no cumprimento dos direitos estabelecidos por lei para as mulheres, sobretudo no ciclo gravídico-puerperal (Nunes *et al.*, 2020,p.24).

Compreende-se que é necessário repensar o cenário hospitalar como um lugar mais privativo, agradável e oportuno a medidas humanizadoras, além de disponibilizar materiais suficientes, incluindo uma educação continuada para as equipes de saúde, aumentando seus conhecimentos, adquirindo profissionais realmente qualificados, comprometidos e sensíveis (Cordeiro *et al.*, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo aborda a violência obstétrica como um dos maiores problemas enfrentados pelas mulheres nas maternidades brasileiras. A violência obstétrica é praticada por profissionais de saúde desinteressados e despreparados em exercer sua profissão com excelência.

O estudo também pauta sobre a necessidade da assistência humanizada e no parto humanizado viabilizando um atendimento de qualidade. Analisa o papel do enfermeiro na prevenção da violência obstétrica na percepção de proporcionar melhores condições de atendimento à gestante, evitando técnicas que prejudiquem a mulher durante o trabalho de parto.

Contudo, o Brasil deve inserir políticas públicas de saúde capazes de combater de maneira significativa a violência obstétrica, concedendo o incentivo da garantia aos direitos da gestante, em razão do trabalho humanizado pautado pelo respeito e empatia a uma fase importante na vida de qualquer mulher.

Assim o principal papel da enfermagem frente à prevenção e ao enfrentamento da violência obstétrica é exercer sua assistência com ética e transparência, tratando a paciente de maneira humanizada e colocando em prática meios seguros que priorizem o bem estar da parturiente.

Portanto, a pesquisa irá contribuir de maneira positiva a todos os envolvidos no campo da saúde de maneira que possa instigar a reflexão acerca da prevenção da violência obstétrica, sendo a violência obstétrica algo que deve ser erradicado das maternidades.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, P.O.N. *et al.* **Fatores associados à violência obstétrica na assistência ao parto vaginal em uma maternidade de alta complexidade em Recife, Pernambuco.** Rev. Bras. Saude Mater. Infant, v.16, n.1, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-93042016000100004>

BALDISSEOTTO ML, THEME Filha MM, Gama SGN. **Good practices according to WHO's recommendation for normal labor and birth and women's assesment of the care received: the "birth in Brazil" national research study, 2011/2012.** Reprod Health. 2016 Oct;13(Suppl 3):124. Doi: 10.1186/s12978-016-0233-x

CORDEIRO, Eliana Lessa; SILVA, Tânia Maria da; SILVA, Liniker Scolfield Rodrigues da; VELOSO, Ana Cecília Fragoso; PIMENTEL, Renata Valéria Teixeira; CABRAL, Michele Marinho de Oliveira; SILVA, Camila Mendes da. **A humanização na assistência ao parto e ao nascimento.** Rev Enferm Ufpe On Line, Recife, p. 2154-2162, 12ago. 2018. Disponível em: <https://www.Periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?task=detalhes&source=all&id=W2896832036>. Acesso em: 30 março 2025.

CORVELO, C.M. *et al.* **A Enfermagem na Humanização do Parto: uma revisão integrativa de literatura.** Research, society and Development, v.11, n.3, p.e37311325759, 2022.

Defensoria Pública do Estado de São Paulo. (2013). **Violência Obstétrica: você sabe o que é? Núcleo especializado de promoção e defesa dos direitos da mulher e Associação Artemis.** Escola da Defensoria Publicado Estado. São Paulo. Disponível em: <http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/repositorio/41/violencia%20obstetrica.pdf>. Acesso em: 20 maio 2025.

DE MOURA, J.W.S *et al.* **Humanização do parto na perspectiva da equipe de enfermagem de um Centro de Parto Normal.** Enfermagem em foco, v.11, n.3, p. 202-208, 2020.

DINIZ SG, SALGADO HO, ANDREZZO HFA, CARVALHO PGC, Carvalho PCA, AGUIAR CA, NIY DY. **Violência obstétrica como questão para a saúde pública no Brasil: origens, definições, tipologia, impactos sobre a saúde materna, e propostas para sua prevenção.** Journal of Human Growth and Development [periódico na internet]. 2015 [acessado 2017 Mar 12]; 25 (3):[cerca de 8 p.]. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v25n3/pt_19.pdf . Acesso em: 20 de maio 2025

ESTUMANO, V. K. C. *et al.* **Violência obstétrica no Brasil: casos cada vez mais frequentes.** Revista Recien. São Paulo, v. 7, n. 19, p. 83-91, 2017.

GOMES, P.C.F.; KUNZLER, I.M. **Violência obstétrica e relações de poder no parto [Relatório técnico científico] XXIII Seminário de Iniciação científica, 2015.** Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/5086>. Acesso em: 10 maio 2025

LANSKY, Sônia; SOUZA, Kleyde Ventura de; PEIXOTO, Eliane Rezende de Moraes; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson; DINIZ, Carmen Simone Grilo; VIEIRA, Nayara Figueiredo; CUNHA, Rosiane de Oliveira; FRICHE, Amélia Augusta de Lima. **Violência obstétrica: influência da exposição sentidos do nascer na vivência das gestantes.** Ciência & Saúde Coletiva, [S.L.], v. 24, n. 8, p. 2811-2824, ago. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018248.30102017>. Acesso em 20 abril 2025.

MATEI, E. M., CARVALHO, G. M. D., SILVA, M. B. H., & MERIGHI, M. A. B. (2013). **Parto Humanizado: Um direito a ser respeitado.** Cadernos: Centro Universitário São Camilo, 9(2), 16-26.

MELO, Bruna Larisse Pereira Lima; MOREIRA, Felice Teles Lira dos Santos; ALENCAR, Rayane Moreira de; MAGALHÃES, Beatriz de Castro; CAVALCANTES, Edilma Gomes Rocha; MAIA, Evanira Rodrigues; ALBUQUERQUE, Grayce Alencar. **Violência obstétrica à luz da Teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural.** Revista Cuidarte Enero, v. 1536, n. 131, p. 1-16, 07 abr. 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscar.html?Task=detalhes&source=all&id=W4225397290>. Acesso em: 20 abr. 2025.

MOURA, Rafaela Costa de Medeiros; PEREIRA, Thayná Fonseca; REBOUÇAS, Felipe Jairo; COSTA, Calebe de Medeiros; LERNADES, Andressa Mônica Gomes; SILVA, Luzia Kelly Alves da; ROCHA, Karolina de Moura Manso da. **Cuidados de enfermagem na prevenção da violência obstétrica.** Enferm. Foco, Unifacex, Rn., v. 4, n. 9, p. 60-65, 13 agost. 2018. Disponível em: <https://biblioteca.cofen.gov.br/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

MOTT, M.L. Parto. **Revista Estudos Feministas, v.10, n.2, 2002.** DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000200009>

NASCIMENTO LC, *et al.* **Relato de puérperas acerca da violência obstétrica nos serviços públicos.** Revista Enfermagem UFPE Online, 2017; 11(5): 2014-2023.

NOGUEIRA, A. T.; LESSA, C. **Mulheres contam o parto**. 1. ed. São Paulo: Itália Nova Editora, 2003.

NUNES, Gittanha Fadjá Oliveira; MATOS, Khesia Kelly Cardoso; MELO, Danyella Evans Barros; VIANA, Lucineide Santos Silva; ESPÍNOLA, Mariana Mercês Mesquita. **Violência obstétrica na visão de mulheres no parto e puerpério**. *Biológicas & Saúde*, [S.L.], v. 10, n. 35, p. 12-29, 26 nov. 2020. Institutos Superiores de Ensino do Censa. <http://dx.doi.org/10.25242/8868103520202086>. Disponível em: <https://www.Periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscarador.html?task=detalhes&source=all&id=W3108329692>. Acesso em: 10 abr. 2025.

OLIVEIRA, T.C.; & NOÉLIA, N.N.S.C. **Direito ao parto humanizado: experiência e legalidade na visão das puérperas**. *Biológicas & Saúde*, v. 5, n. 18, 24 nov. 2015. Disponível em: <https://ojs3.perspectivasonline.com.br/biologicas_e_saude/article/view/775/623>. Acesso em: 21 jul. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Prevenção e eliminação de abusos, desrespeito e maus-tratos durante o parto em instituições de saúde**. Genebra, Suíça: OMS, 2014. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/134588/3/WHO_RHR_14_23_por.pdf>. Acesso em: 20 maio 2025.

PALMA, Carolina Coelho; DONELLI, Tagma Marina Scheiner. **Violência obstétrica em mulheres brasileiras**. *Psico*, [S.L.], v. 48, n. 3, p. 216, 29 set. 2017. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/19808623.2017.3.25161>. Disponível em: <https://www.periodicos.Capes.gov.br/index.php/acervo/buscarador.html?task=detalhes&source=all&id=W2756522133>. Acesso em: 15 abr. 2025.

PÉREZ, B.A.G.; OLIVEIRA, E.V.; LAGO, M.S. **Percepções de puérperas vítimas de violência institucional durante o trabalho de parto e parto**. *Revista Enfermagem Contemporânea*, v.4, n.1, 2015. DOI:<https://doi.org/10.17267/23173378rec.v4i1.472>

Possati AB, Prates LA, Cremonese L, Scarton J, Alves CN, Ressel LB. **Humanization of childbirth: meanings and perceptions of nurses**. *Esc Anna Nery Rev Enferm*. 2017;21(4):1-6. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2016-0366>

Possati AB, Prates LA, Cremonese L, Scarton J, Alves CN, Ressel LB. **Humanization of childbirth: meanings and perceptions of nurses**. *Esc Anna Nery*. 2017; 21(4): e 20160366.

QUADROS JS, *et al*. **Enfermagem obstétrica e educação em saúde: contribuições para vivência do processo de parturição**. *Revista Rene*, 2016; 17(4): 451-458

Rede parto do princípio. **Violência Obstétrica “Parirás com dor”: dossiê elaborado para a CPMI da violência contra as mulheres**. Brasília: Senado Federal, 2012.

ROCHA, Máгда Jardim; GRISI, Erika Porto. **Violência Obstétrica e suas Influências na Vida de Mulheres que Vivenciaram essa Realidade.** Id On Line Rev. Mult. Psic., [s. l], v. 11, n. 38, p. 623-635, 03 nov. 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W2774760200>. Acesso em: 15 maio 2025.

SANTANA, Deborah Pereira; MOREIRA, Renan de Sousa; MUELLER, Patrícia da Silva; MOURA, Katia Margareth Bitton de; PINHEIRO, Marcela Delatore Guedes; OLIVEIRA, Fabiano Fernandes de; CARMO, Hércules de Oliveira. **O papel do enfermeiro no parto humanizado: a visão das parturientes.** Revista Nursing, [s. l], v. 26, n.296, p. 9312-9317, 12 nov. 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W4323049729>. Acesso em: 09 maio 2025.

Santos, J.G. Dosetal. A Importância da Enfermagem Frente a Humanização do Parto Natural: Revisão Integrativa/ The importance of nursing in the humanization of natural childbirth: integrative review. Brazilian journal of Development, v.8,n.2,p.9138-9151,2022.

SANTOS, FAPS. **A enfermeira obstétrica na assistência ao parto de baixo risco.** Rev Bras Saúde Mater Infantil, v. 19, n. 2, 2012, p. 71-79.

Silva, S.E. *et al.* Atuação do Enfermeiro No Pré-Natal. RECIMA 21- Revista científica multidisciplinar- ISSN2675-6218,V1,N.1,P.e211976,2021.

SILVA, F.M.; SILVA, M.L.; ARAÚJO, F.N.F. **Sentimentos causados pela violência obstétrica em mulheres de município do nordeste brasileiro.** Revista prevenção de infecção e saúde, n. 3, v. 4, p. 25-34, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/nupcis/article/view/6924/pdf>

SILVA, Ana Carolina do Espírito Santo; AGUIAR, Cláudia de Azevedo. **Violência Obstétrica na perspectiva das mulheres: significados e impactos à saúde.** Caderno Espaço Feminino, Uberlândia, MG, v. 35, n. 02, p. 29-46, dez. 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W4328051390>. Acesso em: 12 maio 2025.

SILVA, Thalita Monteiro da; SOUSA, Kayo Henrique Jardel Feitosa; OLIVEIRA, Adélia Dalva da Silva; AMORIM, Fernanda Cláudia Miranda; ALMEIDA, Camila Aparecida Pinheiro Landim. **Violência obstétrica: a abordagem da temática na formação de enfermeiros obstétricos.** Acta Paul Enferm, [s. l], n. 33, p. 01-08, 25 mar. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/C8VTQNXNTF8whR9QFbQvZDP/>. Acesso em: 05 maio 2025.

SOARES, P. B. *et al.* **Violência obstétrica e suas implicações.** Revista Norte Mineira de Enfermagem, p. 93-94, 2015.

SOUZA, K.J.; RATTNER, D.; GUBERT, M.B. **Institutional violence and quality of service in obstetrics are associated with ppspartum depression.** Rev. Saúde Pública. 2017.

SOUZA, D.S.; & OLIVEIRA, T.C.F.D. **Na hora de fazer não gritou: a violência obstétrica nas mulheres parturientes**. SEMOC-Semana de Mobilização Científica, 2019. Disponível em: <<http://ri.ucs.br:8080/jspui/handle/prefix/1261>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

Sousa AM, Souza KV, Rezende ED, Martins EF, Campos D, Lansky S. **Practices in childbirth care in maternity with inclusion of obstetric nurses in Belo Horizonte, Minas Gerais**. Esc Anna Nery. 2016; 20(2):324–31.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. **Revisão integrativa: o que é e como fazer**. Einstein; 8 (1 Pt 1): 102-6. 2010.

VARGENS, Octavio Muniz da Costa; SILVA, Alexandra Celento Vasconcellos da; PROGIANTI, Jane Márcia. **Contribuição de enfermeiras obstétricas para consolidação do parto humanizado em maternidades no Rio de Janeiro-Brasil**. Escola Anna Nery - Revista de Enfermagem, v. 21, n. 1, p. 01-08, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ean/a/dfNt7_rwTQn7p63DY_NMTC_99q/?lang=pt. Acesso em: 14 maio 2025.

VENTURI G, GODINHO T. **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, SESC-SP; 2013

ZANARDO, Gabriela Lemos de Pinho; URIBE, Magaly Calderón; NADAL, Ana Hertzog Ramos de; HABIGZANG, Luísa Fernanda. **Violência Obstétrica no Brasil: uma revisão narrativa**. Psicologia & Sociedade, [S.L.], v. 29, p. 1-11, 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i155043>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/J7CMV7LK79LJTnX9gFyWHNN/?lang=pt>. Acesso em: 25 março 2025.

ANEXO

ANEXO I – FORMULÁRIO DE COMPOSIÇÃO DE GRUPOS DAS PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES

Curso	Enfermagem		
Período	2 ° Período	Turma	Noturno
Professor	Lívia Alessandra Gomes Aroucha		

COMPONENTES / EQUIPE DE TRABALHO

1.	Anny Caroline Costa da Silva
2.	Antônia Lúcia Amorim da Silva
3.	Fransuilma da Conceição da Silva Falcão
4.	Laudeci da Silva Martins
5.	Maria Deuzamar de Sousa Oliveira Pereira
6.	Rosangela da Silva Cardoso

7.	Suziane Pereira dos Santos
LÍDER DA EQUIPE	
Nome	Antônia Lúcia Amorim da Silva
Contato/e-mail	Lcamorim17@gmail.com
TÍTULO DO TRABALHO	
O papel do enfermeiro na prevenção e enfrentamento da violência obstétrica: práticas, desafios e estratégias de cuidado humanizado.	